

O património florístico como recurso turístico

– uma alternativa ao desenvolvimento da **estância termal** da Curia

SUSANA SILVA * [susanageog@sapo.pt]

Resumo | O turismo é atualmente uma realidade incontornável no processo de desenvolvimento dos territórios. Estes, tal como os recursos de que dispõem, constituem, por sua vez, elementos estratégicos no contexto territorialista de desenvolvimento sustentável e sustentado, onde o património e os valores culturais se afiguram fundamentais na construção desta relação.

O presente artigo pretende fugir à regra clássica de abordagem do património inovando numa reflexão sobre o património florístico numa conceção particular de turismo, o turismo de jardins, em específico da esfera termal, e de como este pode constituir uma alternativa turística de vanguarda e inovadora a apresentar pela estância termal da Curia ao turista pós-moderno.

Palavras-chave | Património Florístico, Turismo Pós-moderno, Alternativas Turísticas Sustentáveis, Estância Termal da Curia.

Abstract | Tourism is presently an unavoidable reality in the process of territories development. These, such as the resources they have, are strategic elements in the territorialist context of sustainable and sustained development, where heritage and cultural values are precious in building this relationship.

The current article intends to run away from the heritage classic approach innovating in a reflection about floristic heritage in a particular tourism conception, the garden tourism, specifically from the thermal atmosphere, and how this could be a vanguard and innovating tourism alternative to be presented by the thermal complex of Curia to the post-modern tourist.

Keywords | Floristic Heritage, Post-modern Tourism, Sustainable Touristic Alternatives, Thermal Complex of Curia.

* **Doutoranda em Geografia Humana, Mestre em Geografia Humana, Ordenamento do Território e Desenvolvimento** pela Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra e colaboradora do Jardim Botânico da Universidade de Coimbra no Projecto Europeu INQUIRE - IBSE (FCTUC da Universidade de Coimbra).

1. Introdução

Nos novos paradigmas de desenvolvimento cada território toma lugar central na conceção das estratégias que procuram não só absorver as particularidades do próprio território como as tendências e práticas, cada vez mais perecíveis, das sociedades, tornando-o num processo volúvel ao tempo, ao espaço/lugar e aos atores territoriais. A atividade turística tem traduzido esta conceção tripartida de responsabilidades no desenvolvimento dos territórios, sendo por isso frequente a sua inclusão nas ambiciosas matrizes de desenvolvimento para eles traçadas, e que é cada vez menos comandada pela oferta mas sim, de forma crescente, permeável às tendências da procura.

A mudança de atitude face ao património numa apologia da sua valorização, conservação e preservação tem encontrado na sua turistificação e mercantilização a melhor e mais eficaz via de concretização, numa partilha de sinergias em ambos os sentidos e cujos resultados se traduzem numa consolidação da relação entre património, turismo, turistas e território. Relação que se adensa com a diversificação dos interesses e motivações da sociedade pós-moderna que aprecia a originalidade e singularidade dos territórios, que elege ofertas culturalmente úteis e de baixa densidade, o que tem justificado o aparecimento e desenvolvimento de segmentos turísticos alternativos.

Os patrimónios termais constituem argumentos estratégicos nesta linha de desenvolvimento dos territórios, muito embora continuem subvalorizados pela maior parte dos promotores e consumidores turísticos. No caso específico destaca-se o património florístico presente no parque da estância termal da Curia, um recurso que oferece a possibilidade de diversificação da oferta turística, transformando-o num segmento alternativo direcionado para públicos específicos.

Fazendo parte de uma investigação mais alargada sobre a estância termal da Curia, apresentam-se aqui os resultados referentes à identificação do

património florístico do parque, encarado como recurso estratégico na construção de alternativas de fruição lúdica da estância em geral e do parque termal em particular, que se concretizou na elaboração de percursos temáticos, dos quais se apresenta “À descoberta do incrível mundo das plantas”, com o objetivo de reiterar que a estância termal da Curia tem condições de base ao desenvolvimento de um nicho turístico ainda pouco explorado, mas com uma grande margem de progressão no país, o turismo de jardins.

2. Os patrimónios termais: recursos turísticos estratégicos na conceção atual de turismo

O turismo, não obstante a sua importância enquanto fenómeno económico, é encarado como um dos mais importantes fenómenos sociais do tempo moderno (Sharpley, 2002), se se tiver em conta que elementos como férias, lazer, descanso e tranquilidade se tornaram centrais na vida das sociedades contemporâneas. Facto que tem originado não só o aumento do consumo de atividades ligadas ao lazer e ócio e a curiosidade em conhecer novos espaços e ambientes, como tem suscitado o incremento da procura turística e o aparecimento de novos destinos e formas de passar o tempo (Santos, 2005), onde a oferta deixou de conduzir a procura mas antes se molda de forma crescente aos desígnios da procura.

Nas práticas turísticas atuais são procuradas experiências que satisfaçam múltiplos argumentos quer materiais quer imateriais (Uriely, 2005), o que implica novos requisitos de competitividade e de diferenciação espacial para a atividade turística onde novos (ou renovados e reinventados) produtos e destinos se desenvolvem de modo a satisfazer os interesses específicos da procura, diversificando assim uma oferta demasiado restrita e condicionada pelos destinos tradicionais (Barros, 2004; Fonseca, 2005).

O património e a cultura são estratégicos na afirmação desta tendência, sobretudo após a mudança de atitude face aos mesmos e que tem consolidado o paradigma do património e do uso da cultura (Cravidão, 2006), aos quais acresce o elemento “natureza”, que tem sido produzida, não raras as vezes encenada e vendida como uma experiência turística, e consumida como produto “natural” (McNamara e Prideaux, 2010). Considerados então como recursos turísticos importantes no processo de desenvolvimento dos territórios (Ashworth, 1994), são mercantilizados e turistificados (Henriques, 2008) através de inúmeros produtos, configurando uma oferta cultural ampla com vista a captar segmentos específicos da procura turística (Carvalho, 2006) que, segundo Poria *et al.* (2004), são motivados principalmente pela oportunidade de aprendizagem e de satisfação das suas necessidades de entretenimento.

O património tem no termalismo um dos seus grandes e mais antigos propulsores e este, por sua vez, tem no território e nos seus recursos a sua base de sustentação, assim como o termalismo está nas origens do turismo enquanto atividade criadora de lugares variados e dinâmicos (Cavaco, 2005). Esta interação entre dinâmicas de desenvolvimento e território originou vestígios levando à edificação de um microcosmo termal patrimonializado num conjunto diverso de equipamentos e relações, formando um todo que envolve não só o monumento mas também o contexto, a ambiência e a atmosfera (Mangorrinha, 2000). É este universo termal que sustenta a visão integrada de conjunto traduzindo o conceito de distensão tipológica e cronológica do património apresentado por Henriques (2003),

proporcionada sobretudo pela relação e contacto estreitos com os espaços naturais em que está inserido, e que constitui parte intrínseca do mesmo no processo de compreensão de toda a dinâmica do espaço termal.

Nesta linha de reflexão, o património termal localizado, na grande maioria, em ambientes vernaculares e originais, é hoje objeto de atenção principalmente pelo seu valor sociocultural, pelo seu carácter cenográfico simbólico e imaginário, bastante atrativos às práticas turísticas atuais. O património termal encerra em si uma grande variedade de manifestações assumindo uma conotação multidimensional. Inclui desde o património hidrológico, ao arquitetónico, passando por toda uma riqueza ambiental que se criou e que vem suscitando uma crescente sensibilidade e interesse por parte da população urbana. Do conjunto destaca-se o primeiro, pois a sua valorização fez com que em torno de simples e até repugnantes fontes de água minero-medicinal se desenvolvesse um universo de grandiosidade e opulência, originando importantes e prestigiados centros turísticos e muitas vezes grandes centros urbanos, integrando pequenas localidades rurais nos circuitos turísticos nacionais (Cunha, 2003). As Caldas da Rainha, Monfortinho, Luso e Curia constituem exemplos concretos da transformação estratégica do recurso de que dispunham num valioso e reconhecido produto turístico.

O equipamento ambiental é um dos principais elementos do microcosmo termal sendo rara a estância que não esteja envolvida por uma área considerável de mata¹; aliás era preocupação central, a seguir à análise científica das águas, e condição basilar para a edificação de uma aldeia termal funcional e atrativa, não raras as vezes exigida pelos aquistas², o desenvolvimento de um equipamento ambiental que, no aproveitamento das belezas e recursos naturais dos locais, contribuisse para um ambiente ecologicamente equilibrado (Mangorrinha, 2000). Pela sua funcionalidade, indispensável e necessária (conservação dos recursos aquíferos)

¹ Veja-se os exemplos, em Portugal, das termas da Piedade, dos Cucos, do Vimeiro, das Caldas da Rainha, do Luso (mata do Buçaco), de Vale da Mó (sopé de área montanhosa), da Curia, entre outros.

² A este respeito Simão (1994: 66) transcreve um excerto da carta de Maria Emília Seabra de Castro a Albano Coutinho a 23 de Agosto de 1910, que dava conta que “Alguns aquistas que d’ahi tem [sic] vindo censuram a pequenez do estabelecimento de banhos, da falta d’árvores, club, música, etc.”.

mas também lúdica, entende-se a importância da conservação das áreas verdes do microcosmo termal, pois tornaram-se "(...) um excelente pulmão ecológico e cenários para uma plena integração do lazer e divertimento na estratégia terapêutica. São lugares de refúgio de aqúistas e residentes" (Mangorriinha, 2000: 173).

Desta forma, pelas suas características terapêuticas, ambientais e patrimoniais, as termas constituem uma oferta bastante competitiva nesta atual filosofia de ocupação de tempos livres e férias. Trata-se de um espaço composto pelo equipamento balnear, hoteleiro, cultural, recreativo, comercial e ambiental onde é harmoniosa a combinação entre saúde e bem-estar, atividade social, lazer e turismo, constituindo uma fórmula atrativa, capaz de satisfazer argumentos diversos como o descanso, a evasão, o recreio e bem-estar e, acima de tudo, porque criam e proporcionam um ambiente, uma atmosfera próprias e uma experiência única (Ezaidi *et al.*, 2007; Didascalou *et al.*, 2009; Vargas e Gil, 2002).

2.1. O lazer e o bem-estar no contexto multifuncional das estâncias termais – o elemento jardim

As estâncias termais, não obstante o objetivo nuclear da sua constituição enquanto centros terapêuticos de prevenção e recuperação da saúde física e mental, eram locais de ócio, de luxo, de beleza e de vida social. Estas duas dimensões alternaram-se ao longo do tempo como consequência da forma como as estâncias eram vividas e perçecionadas pelas sucessivas sociedades e suas necessidades mutantes no tempo, o que as obrigou a uma constante adaptação, levando Cavaco (2008) a falar em ciclos de vida que se repetem, se renovam e reinventam e Ferreira (1996) em metamorfoses, mas que tendem a um equilíbrio e complementaridade entre elas.

No contexto atual, o aumento de competitividade do setor termal passa por ultrapassar o conceito tradicional que reduz o balneário a um centro de saúde e alargar-se a outro tipo de produtos

complementares à atividade termal (Vargas e Gil, 2002). Uma atitude em largo desenvolvimento nas estâncias termais europeias onde a associação entre a valência da saúde e bem-estar aliada à componente turística se tem transformado em produtos mistos³ capazes de proporcionar experiências diversas, uma oportunidade de mudança de paradigma na revitalização e desenvolvimento destes espaços (Palma, 2006).

As estâncias termais portuguesas têm recuperado algum dinamismo justamente por via da aposta numa oferta diversificada pautada por um equilíbrio e complementaridade entre as vertentes terapêutica e de saúde e bem-estar, às quais se junta a lúdica, oportunamente contempladas na legislação que atualmente regula o setor. O decreto-lei 142/2004 de 11 de junho vem assim reconhecer formalmente outras potencialidades, para além das terapêuticas, associadas ao bem-estar e lazer, recreio e cultura atribuindo às estâncias termais um papel essencial no âmbito do turismo, onde os fatores terapêuticos deixam de ser os únicos a justificar a deslocação dos turistas.

E é nesta linha de consolidação da estância enquanto produto turístico, da promoção do consumo turístico e lúdico de todos os recursos termais e do consumo dos parques termais, nomeadamente os que são constituídos por um imenso e diversificado espólio florístico, sob pretextos lúdicos, recreativos, de evasão, de descanso e relaxe, que podemos falar numa conceção particular de turismo de jardins, no caso, turismo num tipo particular de jardins, os jardins termais.

³ Na Alemanha, Hungria e República Checa existem os passeios de balão; a Áustria oferece um *spa* especial para crianças e bebés; um Jurássico Parque assim como na França que dispõe de grutas de espeleologia, rotas temáticas em torno da água e abrigos rurais; a Bélgica proporciona noites temáticas; em Itália pode-se usufruir das grutas, do kartódromo e de passeios de charrete; já na Hungria pode-se desfrutar de uma praia artificial mediterrânea, de visitas a parques ou reservas de animais, de feiras de produtos biológicos e do festival da cerveja, e praticar *birdwatching*; o Reino Unido dispõe do festival de jazz, do museu de antiguidades e de alimentação vegetariana (Cavaco, 2008).

O turismo de jardins (ou *garden tourism*) constitui um nicho de turismo especializado em visitas a jardins botânicos, jardins históricos e a outros jardins com elevada fitodiversidade (Quintal, 2009), em contextos rurais e urbanos, congregando ao mesmo tempo valores naturais e culturais e muitas vezes históricos (Cavaco e Simões, 2009). Valores, estes, contemplados e protegidos na Carta de Florença (1981), que eleva ao estatuto de monumento vivo os jardins históricos (pequenos jardins ou grandes parques, formais ou “paisagens”), considerados como testemunhos de uma cultura, de um estilo, de uma época, da originalidade de um artista, e encarados como lugares de fruição, meditação e repouso, e como tal devem ser preservados (ICOMOS, 1982).

O turismo de jardins constitui uma prática bastante enraizada e desenvolvida em vários países europeus, nomeadamente na Inglaterra, na Alemanha e na França, mas não é menos importante na Nova Zelândia, Austrália, Singapura, Japão, Irlanda, Canadá ou Estados Unidos da América (Thomas *et al.*, 1994; Evans, 2001; Fox, 2006; Fox, 2007; Blandigneres e Racine, 2002; Connell e Meyer, 2004). Benfield (2009) considera mesmo que o turismo de jardins poderá tornar-se um dos maiores setores de retalho no mercado turístico, já que afirma que há mais pessoas a visitar jardins do que a *Disneyland* e o *Disneyworld* juntos, suplantando ainda os visitantes anuais de Las Vegas, apelidando-o de fenómeno que mobiliza, só nos Estados Unidos da América, cerca de 40 milhões de turistas.

Segundo Wanhill (2003, citado em Fox, 2006), os jardins são a única forma de *imagescape*, assim como importantes componentes da *green-scape* e parte insubstituível da paisagem histórica (Wilson, 2009) e a sua visita é, para Connell (2004), uma experiência sensorial para além de uma experiência social e uma forma de turismo cultural na sociedade pós-moderna, adquirindo um papel importante no tempo e necessidades de lazer e que vai ao encontro das mudanças que se têm operado nos consumos lúdicos e nas expectativas em relação aos lugares.

Em Portugal, o turismo de jardins constitui um segmento embrionário, pouco divulgado e explorado mas com particular visibilidade enquanto nicho na Ilha da Madeira (Quintal, 2009). A face visível de uma oferta mais ou menos organizada é a Associação Portuguesa dos Jardins e Sítios Históricos (APJSH), da qual são associados 57 jardins. Tem como principais objetivos a conservação e valorização de sítios naturais e históricos, de carácter público e privado, entendidos como espaços de valor estético, interesse científico, cultural, educativo e paisagístico, a representação e apoio aos seus associados, a colaboração com entidades públicas no estudo e elaboração de diplomas de natureza legal ou regulamentar, na conceção de programas com vista à defesa e preservação através do restauro de jardins e, acima de tudo, contribuir para a valorização dos jardins históricos como produto turístico (APJSH, 2009).

Das mais de 30 estâncias em funcionamento nos últimos anos a grande maioria está dotada de um equipamento ambiental adjacente e envolvente das termas, quer seja em forma de parque ou inserido em serra, porém nenhum dos jardins termais faz parte desta Associação. Deste conjunto, cerca de 2/3 fazem uma referência à sua existência mas são raras as que nas páginas *on-line* ou nos folhetos promocionais aludem às espécies florísticas que possuem, destacando-se pela positiva apenas as Caldas da Rainha, de Vizela, as termas do Luso ou de Entre-os-Rios. O aproveitamento turístico do espaço é precário pois somente em poucas é admitido algum tipo de utilização lúdica através de percursos organizados, e em muitas encontram-se negligenciados e até mesmo abandonados, refletindo o carácter acessório deste tipo de património aos olhos de quem de obrigação deveria preservá-lo e valorizá-lo, e de quem de direito deveria poder usufruir dele.

O turismo de jardins constitui uma excelente oportunidade para promoção do património florístico dos parques termais, assim como uma alternativa e possibilidade de diversificação das atividades de recreio e lazer atualmente disponíveis nestes espaços, quer para o público termal clássico, quer para o públi-

co da vertente de saúde e bem-estar, quer ainda para o público que visita os parques termais por razões meramente turísticas e lúdicas. O parque termal da Curia constitui, neste linha de reflexão, um excelente laboratório de análise, tanto pelo património florístico de que dispõe, como pelo número de frequentadores e visitantes que acolhe todos os anos.

3. O património florístico do parque termal da Curia – um estudo de caso

As termas da Curia, à semelhança de outros estabelecimentos termais portugueses, estão inseridas num parque que conjuntamente com outros serviços e estruturas compõem o complexo termal da Curia, pelo que, à oferta das vertentes terapêutica e de saúde e bem-estar, acrescenta-se a dimensão do recreio e do lazer consubstanciada no imenso parque que envolve o estabelecimento termal. Contudo, apesar de férteis as referências e monografias literárias relativas aos patrimónios construído, histórico e cultural da estância termal da Curia, são escassas e superficiais as referências ao património florístico presente no parque.

A estância termal da Curia começou a ser edificada no início do século XX, sendo comum à época evocada, e seguindo os exemplos europeus, criar-se em redor dos estabelecimentos termais uma atmosfera repousante e aprazível. O parque foi construído nas primeiras décadas do século findo (1913) (Figura 1), com traços de base romântica e património florístico diversificado (Simão, 1994). A este respeito noticiou o Jornal *Bairrada Livre*, em 1911 (2 de fevereiro), que "(...) para o parque que vae aformosear a Curia, foram oferecidas duzentas arvores de ornamentação pelo Sr. Domingos Gonçalves de Araujo, acreditado negociante do Porto, e um dos mais devotados accionistas da sociedade" (Simão, 1994: 67). Foi criada uma ambiência natural de rara beleza, que hoje se distribui num parque de cerca de 14 ha preenchido por jardins e arvoredos que se organizam a partir de um eixo central, a avenida que segue da entrada do parque até ao cais das gaivotas, no prolongamento da Avenida dos Plátanos, e que divide em duas grandes partes todo o parque. O lago artificial⁴ desenha-se por 1 km e a circulação pelo espaço arborizado é assegurada por trilhos e caminhos, possibilitando as caminhadas em redor do lago ali presente (Figura 2).

⁴ O parque foi embelezado com um lago (1912 e 1924-29) (Simão, 1994), considerado durante várias décadas como o maior lago artificial da Península Ibérica (Ferreira, 1996).



Figura 1 | Jardins da estância termal da Curia em 1913.

Fonte: *Aqua Nativa*, n.º 7.



Figura 2 | Jardins, mata e lago da estância termal da Curia na atualidade.

Reconhecendo o papel essencial que o património florístico teve e tem na conceção da estância termal da Curia enquanto centro turístico e de bem-estar, e no desenvolvimento da sua vertente lúdica e de fruição, achou-se pertinente conhecê-lo mais profundamente, tendo-se procedido à sua identificação⁵.

⁵ De referir que o estudo mais alargado que foi feito privilegiava, para além da identificação das espécies, a determinação do grau de cobertura das mesmas tendo por base três estratos da vegetação, o arbustivo, o subarbóreo e o arbóreo, por secção e subsetor, utilizando a escala de Braun-Blanquet, mas cuja apresentação não cabe nos objetivos do presente artigo.

⁶ A identificação das espécies, para além dos manuais de campo, contou com a colaboração do Dr. António Campar de Almeida, Dr. Albano Figueiredo (Centro de Estudos Geográficos da Universidade de Coimbra), Dr^a. Ana Cristina Tavares e Sr. Arménio Matos (Jardim Botânico de Coimbra).

3.1. A identificação da flora do parque termal da Curia

Na identificação das espécies do parque da estância termal da Curia privilegiaram-se os estratos arbustivo e arbóreo dispostos por setor e secção (unidades de trabalho previamente delimitadas, tendo por base a divisão interna do parque), e para a qual se recorreu a manuais de campo e a indicações de geógrafos e botânicos⁶, tendo sido identificadas mais de 100 espécies diferentes pertencentes a 46 famílias provenientes de todos os continentes (Figura 3).

Das espécies exóticas introduzidas às que ocorrem por condições naturais favoráveis, estamos na presença de uma simbiose harmónica entre espécies de apetência atlântica e oceânica que fazem



Figura 3 | Distribuição mundial das espécies existentes no parque termal da Curia.

parte do cortejo florístico da Região Euroasiática e espécies que fazem parte do típico cortejo vegetal da Região Mediterrânea. Da primeira destacam-se o *Salix babylonica*, *Populus nigra*, *Populus alba*, *Alnus glutinosa*, *Ulmus minor*, *Fraxinus angustifolia*, *Crataegus monogyna* e *Quercus robur*, e da segunda a *Phillyrea angustifolia*, *Phillyrea latifolia*, *Viburnum tinus*, *Rhamnus alaternus*, *Quercus suber*, *Olea europea* e *Laurus nobilis*.

As espécies exóticas, com um peso significativo no conjunto florístico, estão presentes nas coleções de choupos, tílias, eucaliptos, castanheiros da Índia, plátanos, palmeiras, acácias, ciprestes, pitospóros, bambus e outros exemplos curiosos como a *Ginkgo biloba*, *Taxodium distichum*, *Sequoia sempervirens*, *Koelreuteria paniculata* e a *Araucaria bidwilli*, que constituem, no seu todo, um tipo particular de património com um conjunto de histórias, curiosidades e particularidades pouco conhecidas e exploradas.

3.2. Mudanças e novas oportunidades na fruição do parque

As termas da Curia constituem, pelas suas características infraestruturais e medicinais, umas das mais importantes a nível nacional e mais ainda a nível regional. Contudo, a sua posição em termos de frequência tem vindo a decair, embora ainda integre o top 15 das estâncias termais mais frequentadas, ocupando a 11ª posição em termos de inscrições. Em 2009 representaram 3,1% do total de inscrições realizadas nos estabelecimentos termais portugueses (2.128 aquisitas), uma subida de 3,5% quando comparado com o ano anterior; 4,2 % dos proveitos totais, ocupando a 5ª posição com 711 mil euros de lucro, obtendo ainda o terceiro proveito médio mais elevado por inscrição que ascende aos 334,1 euros (TP, 2010).

Todavia, apesar deste decréscimo em termos de frequentadores, o dinamismo na estância termal da

Curia tem aumentado. Em 2006, nas 3 principais unidades de alojamento da Curia⁷, as dormidas ascendiam a 31.439, 56,8% do total de dormidas em hotéis verificadas no concelho nesse ano (JTC, 2007; INE, 2007). Os visitantes registados nos últimos anos pela Junta de Turismo da Curia ultrapassaram largamente os 8 mil. Uma tendência que reforça o facto de que não se visita a estância por razões exclusivas de saúde mas cada vez mais por razões lúdicas, às quais acresce o facto de se localizar um campo de golfe na estância, constatando-se que o crescimento do número de visitantes é em muito motivado pela atmosfera e envolvência paisagística e social do lugar, consideradas únicas.

E é neste sentido que a ação “Valorização das estâncias termais da Região Centro”, inserida na Estratégia de Eficiência Colectiva (EEC) PROVERE, contempla para a Curia a intervenção específica: valorização e requalificação ambiental do parque das termas (ATP, 2008, CCDRC, 2009), para além de ser uma ação que aposta transversalmente na dimensão turística, lúdica e de recreio nestes espaços, nomeadamente através das intervenções na animação e nos espaços públicos de fruição.

O recreio e o lazer encontram no parque da estância termal da Curia argumentos mais do que suficientes para o lançamento de novos desafios e propostas que captem novos públicos e fidelizem com mais consistência públicos antigos, com vista a tornar este espaço mais dinâmico e atrativo, e que concretizámos através da elaboração de percursos temáticos ancorados no património florístico aqui presente. “À descoberta do incrível mundo das plantas”, “À descoberta das plantas medicinais: boas águas, melhores plantas”, “O circuito das famílias botânicas” ou “Os desafios da biodiversidade e sustentabilidade ambiental” constituem apenas alguns dos exemplos que consolidariam a oferta de atividades de animação turística assentes numa matriz de aprendizagem cultural, ambiental,

histórica e patrimonial, direcionados para diversos públicos, desde o escolar, o frequentador clássico das termas ao cliente de saúde e bem-estar e outros mais gerais e específicos.

Estes percursos foram delineados com base não só nas orientações metodológicas utilizadas nos percursos existentes nos Jardins Botânicos que privilegiam a integração de espécies com morfologias, proveniências, principais usos, histórias e curiosidades representativas de cada tema abordado (Tavares, s/d), mas igualmente nas diretrizes apresentadas por documentos sobre património como a Carta de Veneza e de Florença, esta especificamente direcionada para os jardins históricos, que apontam para a contextualização e interpretação do espaço como um todo, assim como a integração de pontos que sejam o mais representativos possível do património que se está a apresentar (Hájek *et al.*, 2010).

O percurso temático “À descoberta do incrível mundo das plantas” (Figura 4) configura, a nosso ver, uma viagem completa pela biodiversidade do parque termal da Curia, pelas histórias associadas às plantas, pelas propriedades medicinais ou venenosas e pelas características morfológicas mais marcantes.

Para além destes, outros mais culturais e históricos, tendo como base o vasto património, poder-se-iam desenvolver numa apologia pela integração de vários segmentos de turismo da região, em prol da maximização de benefícios. E, em uníssono com as visitas guiadas, a implementação de centros interpretativos e informativos e a instalação de placares com informação botânica comporiam de forma mais completa esta conceção de aprendizagem que ao mesmo tempo é lúdica. Tratar-se-ia de novos usos para os territórios termais num aproveitamento supremo das suas condições de localização e de diversidade florística, promovendo, embora em moldes específicos e adaptados ao contexto termal em particular, aquilo a que na Europa se vem consolidando, o turismo de jardins.

⁷ De referir que neste período o Palace Hotel e o Hotel do Parque se encontravam encerrados para remodelações.

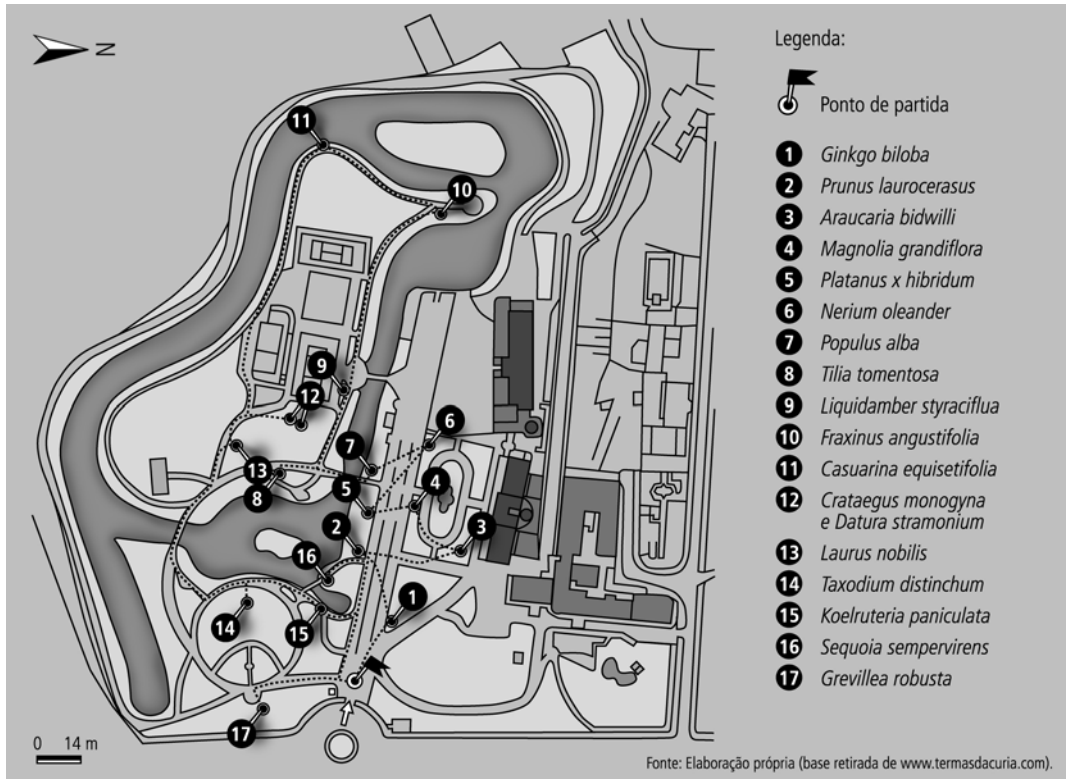


Figura 4 | O percurso "À descoberta do incrível mundo das plantas" no parque termal da Curia.

4. Notas finais

O desejo de (re) descoberta e retorno à natureza, aos espaços verdes e ao intimista, o desejo de (re) descoberta do património, dos sítios e memórias, é por demais evidente nesta atual conceção de turismo e lazer.

As estâncias termais, enquanto congregadoras dos valores da paisagem e patrimoniais, constituem importantes recursos turísticos e locais privilegiados para a satisfação do turista contemporâneo que busca experiências originais e que procura aliar prazer, saúde e bem-estar, cultura e conhecimento, em suma, um contexto culturalmente ativo e atrativo.

O facto de se ter comprovado, através da identificação das espécies, que o parque da estância termal da Curia é bastante rico em termos de património

florístico levou-nos a abordar um nicho de turismo proeminente em muitos países europeus, mas praticamente desconhecido em Portugal, o turismo de jardins, que poderá constituir uma alternativa de fruição lúdica deste e de outros espaços que rodeiam as estâncias, e que em muitos casos se encontram subvalorizados.

Esta forma de consumo do património florístico, à qual se agrega todo um conjunto de valores históricos e culturais, poderá constituir um complemento estratégico de desenvolvimento económico e social e um fator de competitividade a vários níveis, perspetivando-se efeitos multiplicadores positivos na sua imagem e no território, contribuindo desta forma para a consolidação das estâncias termais como destinos de turismo e lazer, ao apresentarem uma oferta mais diversa e consistente.

Referências bibliográficas

- APJSH, 2009, Estatutos da Associação Portuguesa dos Jardins e Sítios Históricos - Capítulo II Objecto e Competência, [http://www.apjsh.pt/estatutos.php], (Site acedido em 28 de março de 2009).
- Ashworth, G. J., 1994, From history to heritage: from heritage to identity: in search of concepts and models, in Ashworth, G. J. and Larkham, P.J. (eds.), *Building a New Heritage. Tourism, Culture and Identity in the New Europe*, Routledge, London, pp. 206-228.
- ATP, 2008, *Estratégia de Eficiência Colectiva: Programa de Valorização das Estâncias Termas da Região Centro*, Candidatura a Programa de Acção, Associação das Termas de Portugal, Lisboa.
- Barros, J. C., 2004, *A projecção do quotidiano no turismo e no lazer*, ISCSP/UTL, Lisboa.
- Benfield, R., 2009, *Garden Tourism*, Elsevier (out of print).
- Blandigneres, M., Racine, M., 2002, *Le tourisme de jardins en France: panorama de l'offre*, Cahiers de l'AFIT, Paris.
- Carvalho, P., 2006, Turismo cultural, património e políticas públicas em contextos rurais de baixa densidade, in Santos, G., Vieira, R. e Mendes, M. (coord.), *Actas do Congresso de Turismo Cultural, Território e Identidades* (29 e 30 de Novembro), Projecto de Investigação Identidades & Diversidades do Instituto Politécnico de Leiria, Leiria, pp. 1-9.
- Cavaco, C., 2005, Os espaços de turismo, in Medeiros, C. A. (coord.), *Geografia de Portugal. Actividades Económicas e Espaço Geográfico*, Círculo de Leitores, Lisboa, pp. 408-422.
- Cavaco, C., 2008, *Turismo de Saúde e Bem-Estar: Termas, Spas Termas e Talassoterapia*, in Medeiros, C. e Cavaco, C. (coord.), *Colecção Estudos e Documentos*, N.º 15, Universidade Católica Portuguesa, Lisboa.
- Cavaco, C., Simões, J. M., 2009, Turismos de nicho: uma introdução, in Simões, J. M. e Ferreira, C. C. (eds.), *Turismos de nicho: motivações, produtos, territórios*, Centro de Estudos Geográficos da Universidade de Lisboa, Lisboa, pp.15-39.
- CCDR, 2009, Valorização das Estâncias Termas da Região Centro, *Estratégias de Eficiência Colectiva (EEC) – PROVERE*, QREN, Lisboa, [www.maiscentro.qren.pt], (Site acedido em 06 de fevereiro de 2010).
- Connell, J., 2004, The purest of human pleasures: the characteristics and motivations of visitors in Great Britain, *Tourism Management*, Vol. 25 (2), pp. 229-247.
- Connell, J., Meyer, D., 2004, Modelling the Visitor Experience in gardens of Great Britain, *Current Issues in Tourism*, Vol. 7 (3), pp.183-216.
- Cravidão, F., 2006, Turismo e Cultura: dos itinerários ao lugar dos lugares, in Cavaco, C. (coord.), *Desenvolvimento e Território: Espaços Rurais Pós-Agrícolas, Novos Lugares de Turismo e Lazer*, Universidade de Lisboa, Lisboa, pp. 269-278.
- Cunha, L., 2003, *Introdução ao Turismo*, 2.ª ed., Editorial Verbo, Lisboa.
- Decreto-lei 142/2004 de 11 de junho, *Diário da República* n.º 136, Série I, Parte A, de 11/06/2004, Ministério da Saúde.
- Didascalou, E., Lagos, D., Nastos, P., 2009, Wellness tourism: evaluating destination attributes for tourism planning in a competitive segment market, *Tourismos: An International Multidisciplinary Journal of Tourism*, Vol. 4 (4), pp. 113-126.
- Evans, M., 2001, Gardens tourism - is the market really blooming?, *Tourism Insights – Sharing sector expertise, analysis and intelligence*, Vol. 12 (4), pp. 153-159.
- Ezaidi, A., Kabbachi, B., El Youssi, M., 2007, El patrimonio geológico de Marruecos: una potencialidad para el desarrollo de un turismo de salud, como factor de lucha contra la pobreza, *Pasos, Revista de Turismo y Patrimonio Cultural*, Vol. 5 (3), pp. 371-382.
- Ferreira, C., 1996, As Metamorfozes da Vida Termal – As Termas da Curia e o Termalismo Português do início do séc. XX à actualidade, *Aqua Nativa*, Vol. 11, pp. 25-32 e 55-61.
- Fonseca, M.A., 2005, *Espaço, políticas de turismo e competitividade*, Editora da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, Brasil.
- Fox, D., 2006, The influence of social and material agents on garden visiting in England, *Progressing Tourism Research*, 30-31 March, University of Exeter.
- Fox, D., 2007, *Understanding garden visitors: the affordances of a leisure environment*, PhD Thesis, Bournemouth University, Department of Philosophy, Poole, UK.
- Hájek, T., Svobodová, K., Majerová, S., 2010, Principles for designing tour routes in a historic garden and park, *Journal of Landscape Studies*, Vol. 3, pp. 191-201.
- Henriques, C., 2008, Património Cultural e Turismo: Uma relação Simbiótica. Análise de dois percursos turístico-culturais: James Joyce e Fernando Pessoa, *Revista Turismo & Desenvolvimento*, Vol. 10 (2), pp. 25-39.
- Henriques, E. B., 2003, *Cultura e território, das políticas às intervenções. Estudo Geográfico do património histórico-arquitectónico e da sua salvaguarda*, Tese de Doutoramento, Universidade de Lisboa, Lisboa.
- ICOMOS, 1982, *Historic Gardens – The Florence Charter 1981*, International Council on Monuments and Sites, Paris.
- INE, 2007, *Anuário Estatístico da Região Centro 2006*, Instituto Nacional de Estatística, I.P., Lisboa.
- JTC, 2007, *Mapas mensais de ocupação hoteleira (2003-2006)*, Junta de Turismo da Curia, Curia.
- Mangorinha, J., 2000, *O lugar das termas – património e desenvolvimento regional e as estâncias termas da região do Oeste*, Livros Horizontes, Lisboa.
- McNamara, K. E., Prideaux, B., 2010, Experiencing 'natural' heritage, *Current Issues in Tourism*, Vol. 14 (1), pp.47-55.
- Palma, F., 2006, Spa Termal – Oportunidades de investimento e de negócio, in Actas do 11º Congresso da *European Spas Association*, S. Pedro do Sul.
- Poria, Y., Butler, R., Airey, D., 2004, Links between tourists, heritage, and reasons for visiting heritage sites, *Journal of Travel Research*, Vol. 43 (1), pp. 19-28.
- Quintal, R., 2009, A importância dos jardins como nicho turístico na Madeira, in Simões, J. M. e Ferreira, C. C. (eds.), *Turismos de nicho: motivações, produtos, território*, Centro de Estudos Geográficos da Universidade de Lisboa, Lisboa, pp. 71-93.
- Santos, N. P., 2005, Organização social e consumo. Práticas e lugares de consumo. O tempo livre e o lazer, in Caetano, L. (coord.), *Território e Trajectórias de Desenvolvimento*, CEG, Coimbra, pp. 105-134.
- Sharpley, H., 2002, Tourism: A Vehicle for Development?, in Sharpley, R. and Telfer D. J. (eds.), *Tourism and Development – concepts and issues*, Channel View Publications, Clevedon, pp. 11-34.

- Simão, M. C. B., 1994, A Estância Termal da Curia: História e Arte (1ª parte), *Aqua Nativa*, Vol. 7, pp. 59-71.
- Tavares, A. C. P., s/d, *Guias para educadores*, Departamento das Ciências da Vida, Jardim Botânico da Universidade de Coimbra, FCTUC, Coimbra.
- Thomas, R. P., Porteous, G., Simmons, D. G., 1994, *Garden Tourism and its Potential Organization in Canterbury*, Occasional Paper No. 10, Department of Parks, Recreation and Tourism, Lincoln University, Canterbury.
- TP, 2010, *Termas em Portugal – a oferta e a procura em 2009*, Direcção de Estudos e Planeamento Estratégico/ Departamento de Informação Estatística, Turismo de Portugal, I.P., Lisboa.
- Uriely, N., 2005, The Tourist Experience. Conceptual Developments, *Annals of Tourism Research*, Vol. 32 (1), pp. 199-216.
- Vargas, R., Gil, A. M. L., 2002, Las estaciones termales en Andalucía. De la explotación tradicional a la configuración de un nuevo producto turístico integral, *Cuadernos de Turismo*, Vol. 10, pp. 101-122.
- Wilson, M., 2009, Climate change and garden tourism, *Tourism Insights – Sharing sector expertise, analysis and intelligence*, Vol. 18 (7).

Endereços eletrónicos

- Associação das Termas de Portugal, 2009, [www.termasdeportugal.pt], (Site acedido em 26 de fevereiro de 2009).
- Associação Portuguesa dos Jardins e Sítios Históricos, 2009, [www.apjsh.pt], (Site acedido em 28 de março de 2009).
- Comissão de Coordenação e Desenvolvimento da Região Centro, 2010, [www.maiscentro.qren.pt], (Site acedido em 06 de fevereiro de 2010).
- Estância Termal da Curia, 2009, [www.termasdacuria.com], (Site acedido em 14 de fevereiro de 2009).
- Junta de Turismo da Curia, 2009, [www.turismo-curia.pt], (Site acedido em 14 de fevereiro de 2009).